



## BOLÍVIA

# Crise favorece guinada à direita

Instabilidade econômica e institucional, somada ao racha no principal partido da esquerda, abre espaço para o retorno de conservadores à presidência. Cientistas políticos bolivianos avaliam a conjuntura eleitoral e veem fim de ciclo político

» RODRIGO CRAVEIRO

Uma inflação acumulada de 25%, a mais alta em 17 anos; a escassez de alimentos; e a taxa de desemprego em elevação (hoje em 3,9%); e a fuga de dólares, com o esgotamento das reservas internacionais, devem ditar o fim de uma era na Bolívia, durante as eleições presidenciais de hoje. O milionário Samuel Doria Medina, 66 anos, e o ex-presidente Jorge "Tuto" Quiroga, 65, ambos de inclinação ideológica de direita, disputam a preferência de 7,9 milhões de eleitores (ou 64,2% da população) entre os oito candidatos e buscam tirar proveito de um racha no Movimento ao Socialismo (MAS), o principal partido de esquerda.

Ambos devem voltar a se enfrentar no segundo turno, em 19 de outubro. O atual presidente Luis Arce Catacora e o seu antecessor, Evo Morales, têm trocado acusações publicamente. Os dois prometem uma ruptura com a política econômica do MAS e um plano de choque quase idêntico, marcado pela drástica redução dos gastos públicos e pelo desmonte progressivo dos subsídios milionários.

Em entrevista recente à agência France-Presse, Medina anunciou "uma nova etapa, em que o mais importante será recuperar a estabilidade econômica, para sair do estatismo e ter uma economia capitalista". Quiroga, por sua vez, avisou que promoverá uma "mudança sísmica", focada na redução do déficit fiscal, na redução do Estado, na privatização de todas as empresas públicas deficitárias e em transformações "radicais" na Constituição.

"Estamos em um momento de término de ciclo político, mas ainda não se inaugura um novo ciclo. A Bolívia enfrenta tempos de transição política, um tempo que prossegue com uma crise de lideranças", explicou ao *Correio* Marcelo Arequipa, doutor em ciência política e professor da Universidade Católica Boliviana San Pablo (em La Paz). Para o especialista, os bolivianos conduzirão às urnas a preocupação com a crise econômica, principalmente com a oferta de combustíveis subsidiados.

Arequipa admitiu que a disputa entre Arce e Morales desgastou muito a relação política dentro da esquerda. "Isso também começou a ser percebido como um problema que afetava o bolso dos bolivianos

Martin Bernetti/AFP



Moradora de La Paz caminha por rua em meio ao famoso Mercado das Bruxas: futuro dos 11,3 milhões de bolivianos nas urnas

Martin Bernetti/AFP



O ex-presidente Jorge "Tuto" Quiroga faz último comício em La Paz

no consumo diário, porque o dólar começou a escassear e os preços aumentaram", comentou.

Cientista político e professor titular da Universidad Mayor de San Andrés (em La Paz), Franklin Pareja Aliaga disse à reportagem ser impossível determinar um favoritismo de Medina ou de Quiroga. "De fato, eles

aparecem empatados. Em algumas pesquisas, aparece à frente Medina e, em outras, Quiroga. É importante destacar que, aparentemente, o eleitorado boliviano deseja uma circulação de poder. Basicamente, dois elementos conjugam-se nessa eleição: a fratura dentro do Movimento ao Socialismo (MAS) e a crise econômica,

Jorge Bernal/AFP



Samuel Medina, em evento de campanha, no município de El Alto

que golpeia com mais dureza os elementos mais pobres da população, os quais formam a base social do MAS", avaliou.

De acordo com Aliaga, os candidatos da ala conservadora são os que têm inspirado maior confiança para resolver a crise econômica, adotando medidas estruturais. "A população

boliviana trabalha com a esperança de que a situação do país melhore depois das eleições", afirmou. Ele reconhece que as forças de esquerda boliviana estão muito desvalorizadas ante a opinião pública. "Esse cenário e o modelo econômico fracassado abrem oportunidade para o conservadorismo retornar ao poder."

### Eu acho...

Arquivo pessoal



"Sem dúvida, o atual clima econômico na Bolívia tornou a questão um foco central de todas as campanhas eleitorais. De diferentes ângulos, a principal mensagem de todos os candidatos é o que fazer com a economia boliviana. Isso mudou o cenário e abriu ainda mais a janela de oportunidade para um candidato de direita governar após as eleições de hoje."

**Marcelo Arequipa**, doutor em ciência política e professor da Universidade Católica Boliviana San Pablo (em La Paz)

Carlos Hugo Cordero Carraffa, cientista político da Universidade Católica Boliviana (em La Paz), lembrou que tanto Medina quanto Quiroga participaram de vários processos eleitorais da Bolívia. "Ambos se reivindicam como líderes democráticos e evitam ser qualificados como candidatos da direita. Quiroga foi um opositor, por muito tempo, ao governo de Evo Morales e aos governos de Cuba, Venezuela e Nicarágua", disse ao *Correio*.

### Preocupações

Carraffa acredita que a inflação, a perda do poder de compra do salário, o desemprego e a ausência de investimentos do aparato estatal moldam as principais preocupações dos eleitores. "Sem investimentos, não existe redistribuição de renda. O clima de instabilidade gerou uma enorme falta de confiança na capacidade de gestão de Arce e de Morales. Várias instituições bolivianas perderam a credibilidade, como a Justiça, as Forças Armadas e a polícia. Vejo uma possibilidade de a eleição de hoje produzir uma mudança, uma reorientação das políticas públicas, com novos rostos, novos comportamentos e novas atitudes" previu.

O analista reconheceu que o alinhamento internacional do MAS provocou muita resistência, como a assinatura de contratos de lítio, hoje fortemente questionados. "Isso mostra um esgotamento do eleitorado boliviano em relação ao MAS. A Bolívia assiste a uma profunda crise partidária, envolvendo Arce e Morales", concluiu Carraffa.

## REUNIÃO TRILATERAL

# Sem acordo com Putin, Trump terá reunião com Zelensky

» ALAN RESAH

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, pronunciou-se a favor de buscar um acordo de paz integral na Ucrânia em vez do cessar-fogo que vinha impulsionando, uma mudança anunciada horas depois de que a cúpula com seu par russo, Vladimir Putin, não trouxe avanços claros.

Antes da reunião no Alasca, conseguiu uma interrupção imediata das hostilidades havia sido uma demanda central de Trump e dos líderes europeus, incluindo o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, que se reunirá amanhã com o mandatário americano em Washington. O objetivo do encontro é, mais uma vez, tentar encerrar a guerra, que

teve início em fevereiro de 2022. Nas redes sociais, Zelensky disse que está aberto a um encontro que inclua Putin. "Apoiamos a proposta do presidente Trump para uma reunião trilateral entre Ucrânia, EUA e Rússia", disse ele na postagem. "Me encontrarei com o presidente Trump em Washington, D.C., para discutir todos os detalhes sobre o fim dos assassinatos e da guerra", disse Zelensky. Após a reunião sem acordo com Putin, o estadunidense ligou para Zelensky e para líderes da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan).

Essa mudança parece favorecer Putin, que há muito deseja negociar diretamente um acordo integral e definitivo. Kiev e seus aliados europeus, ao contrário, veem

Getty Images via AFP



Mandatários estiveram reunidos no Alasca para negociações

isso como uma forma de Moscou ganhar tempo para ampliar suas conquistas territoriais.

No entanto, essa via é "a melhor maneira de pôr fim à terrível guerra entre a Rússia e a Ucrânia", escreveu Trump em sua rede *Truth Social*. "Um simples acordo de cessar-fogo (...) muitas vezes não se sustenta", afirmou, apesar de ter ameaçado Moscou com "consequências muito graves" se não cessasse as hostilidades. "A triste realidade é que a Rússia não tem intenção de pôr fim a esta guerra em um futuro próximo", declarou a chefe da diplomacia da União Europeia, Kaja Kallas. De volta a Moscou, Putin disse que a cúpula com Trump havia sido "oportuna" e "muito útil". "A

conversa foi muito franca, substantiva e, em minha opinião, nos aproxima das decisões necessárias", afirmou, segundo o Kremlin. Apesar de que nenhuma definição concreta tenha sido anunciada após a cúpula entre Trump e Putin, o bilionário estadunidense disse que o encontro resultou em consenso na "maioria dos pontos". No entanto, ele não deu detalhes sobre a afirmação.

Em declarações à imprensa no Alasca, Putin advertiu a Ucrânia e os países europeus a não se envolverem em "intragas de bastidores" que pudessem interromper o que chamou de "esse progresso emergente". A última visita do presidente ucraniano à Casa Branca, em fevereiro, terminou em um extraordinário confronto.